

VENÂNCIO, A CRIANÇA MAL ACOLHIDA: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O ATO DE VIOLÊNCIA EM FREUD E FERENCZI

VENÂNCIO, THE UNWELCOMED CHILD: A BRIEF ANALYSIS OF THE ACT OF VIOLENCE IN FREUD AND FERENCZI

Barbara Angelica dos Santos Monteiro Carissimi¹

Recebido em 08/09/2024

Aprovado em 12/11/2024

RESUMO

O objetivo deste ensaio é discutir brevemente a violência sofrida e cometida contra si e contra os outros a partir do conceito de pulsão de morte em Freud e a temática da criança mal acolhida em Ferenczi. Para o presente trabalho destacar-se-á a história de Venâncio e suas experiências traumáticas desestruturantes de violências vividas desde tenra infância que culminarão num ato cruel em sua vida adulta para que se abram as reflexões. Finalmente, à guisa de conclusão, apresentar-se-á as tratativas da clínica psicanalítica baseada na ética do cuidado com esses pacientes.

Palavras-Chave: criança mal acolhida, ética do cuidado, psicanálise, pulsão de morte, violência.

ABSTRACT

The aim of this essay is to briefly discuss the violence suffered and committed against oneself and against others based on the concept of death drive in Freud and the theme of the poorly received child in Ferenczi. For this work, the story of Venâncio and his destructive traumatic experiences of violence experienced since early childhood that will culminate in a cruel act in his adult life will be highlighted, in order to open up reflections. Finally, by way of conclusion, the treatment of the psychoanalytic clinic based on the ethics of care for these patients will be presented.

Keywords: poorly received child, ethics of care, psychoanalysis, death drive, violence.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discutir-se-á brevemente a história do personagem Venâncio descrita no premiado livro: Tudo é Rio (2021), de Carla Madeira. Para tal articular-se-á com o conceito de pulsão de morte do pai da Psicanálise Sigmund Freud e a temática da criança mal acolhida em Sándor Ferenczi.

Neste livro acessam-se narrativas de personagens com experiências traumáticas de diferentes ordens. Destacar-se-á a história de Venâncio e suas experiências traumáticas desestruturantes de violências vividas desde tenra infância que culminarão num ato cruel em sua vida adulta para que se abram as reflexões deste

¹ Doutora em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro, Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro (Campus Barra da Tijuca). E-mail: barbara.carissimi@uva.br

trabalho. Limitar-se-á a discutir a temática da criança mal acolhida em Ferenczi, não abrangendo para o seu conceito de identificação com o agressor, apesar de sua pertinência.

VENÂNCIO: UMA CRIANÇA MAL ACOLHIDA

A premiada escritora brasileira, Carla Madeira, publicou no ano de 2021 o livro *Tudo é Rio*, onde narra as estórias que se entrelaçam de diferentes personagens e suas experiências traumáticas que culminam em atos de violências contra si e contra os outros. Trata-se de um livro impactante que apesar de sua escrita fluida oferece a leitura de estórias chocantes.

O objetivo deste ensaio é discutir brevemente a violência sofrida e cometida contra si e contra os outros a partir do conceito de pulsão de morte em Freud e a temática da criança mal acolhida em Ferenczi. Para o presente trabalho destacar-se-á a estória de Venâncio e suas experiências traumáticas desestruturantes de violências vividas desde tenra infância que culminarão num ato cruel em sua vida adulta para que se abram as reflexões. Limitar-se-á a discutir a temática da criança mal acolhida em Ferenczi, não abrangendo para o seu conceito de identificação com o agressor, apesar de sua pertinência.

Escreve a autora:

Venâncio foi menino junto com Dalva. Brincavam pela rua afora naquela idade em que meninos e meninas mais se toleram do que se atraem. Dalva achava Venâncio bem esquisito, de uma família mais esquisita ainda. O pai dele sempre falava aos trancos, dava ordens demais. Queria achar briga em qualquer conversa. Venâncio ficava calado, rodeado por uma tensão invisível. Vigiava as esquinas. Se o pai aparecia lá longe, ele largava tudo e ia correndo, cercava o pai por lá mesmo, para não deixar ele chegar perto dos amigos. Tinha vergonha da brutalidade dele. Muitas vezes quis que o pai desaparecesse. Sofria a insuportável saudade de ter um pai que nunca teve. Com o tempo, a vida dos dois juntos foi ficando perigosa, um ódio lento endurecia tudo, tinha vontade de machucar o pai. Queria doer nele a dor que sentia. A mãe de Venâncio, dona Inês, no fundo do seu coração apertado, escutou que o filho precisava de alívio. Mandou o menino para a casa distante de uma irmã solteira e querida, a única que tinha. Lá ele foi ficando, vivendo, cercado de cuidados, uma vida sem atrito, mesmo assim, seu coração não descansava, não sabia ser alegre, não desaprendia os anos que viveu com o pai. Seu José queria o filho de volta, não se conformava, reclamava aos berros. Vai querendo, pensava dona Inês. O marido despejava nela toda a sua amargura. Ninguém para ajudar a carregar aquela cruz pesada, aquele homem áspero e infeliz. Ela aguentou por muito tempo, calada, até que, sem dizer nada, fez as malas e foi viver com o filho. Seu José gritou o quanto pôde, esperneou, ameaçou, mas dona Inês deu uma banana para ele e fez o que

queria fazer. O abandono e a solidão, com o passar dos anos, adoeceram seu José. Ele foi ficando lento e calado, foi se envenenando com as raivas contidas, as palavras apodrecendo dentro dele, as paredes sem ouvidos devolvendo em ecos ampliados a dor de não ser amado. Ninguém por perto. Quando caiu de cama, sem forças, Inês e Venâncio voltaram para casa. Ela assumiu resignada os cuidados com ele. Tratava com respeito, sem intimidade, e não se cansava de dizer que faria o mesmo até por um cachorro. Não reclamava do cansaço de cuidar de um homem na cama, sabia que a caridade tem lugar no coração de Deus. Tirava forças dessa certeza. O filho voltou com ela para cuidar da marcenaria. Não sabia nada, sempre quis manter distância, mas ficou urgente aprender. Ele e a mãe dependiam do dinheiro para viver, um dinheiro que o pai, mesmo consumido pelo ódio do abandono, nunca deixou faltar. Não foi fácil chegar em casa, ficar diante do pai frágil e dependente, incapaz de atormentá-lo com sua voz pesada, suas palavras espinhosas. Preso à cama, preso ao corpo, os olhos do pai – sempre molhados, como se quisessem ser perdoados – acompanhavam seus movimentos com devoção e eram, para Venâncio, mais difíceis de serem enfrentados do que todas as iras juntas. Não sabia o que sentia, mas sabia que não havia mais o que fazer, estavam perdidos um para o outro, não acertariam as contas, não esqueceriam. Não havia palavras, não havia ternura, não havia desejo de tomar o pai nos braços para ter ele de volta, mas havia uma vontade insuportável de que tudo isso estivesse lá, ao alcance dos dois, capaz de refazer o que eles não puderam ser um para o outro. Presos no desamor, viviam acorrentados como quem ama. Quando Venâncio voltou, voltou homem. Traços fortes, beleza morena e rude. Olhos profundos e uma solidão triste, que não deixava ninguém chegar muito perto. Parecia lutar por dentro, uma luta perdida, sem vencedor, sem descanso e sem fim. Passava o dia na marcenaria, concentrado em aprender tudo aquilo. [...] A marcenaria dava para a rua, portas largas e abertas para ventilar os cheiros e poeiras. Quem passava pelo passeio em frente podia ver as gavetas sendo feitas, os móveis usados ficando novos, os detalhes ganhando vida. Era comum que alguns se demorassem apreciando a habilidade dos marceneiros, vendo a beleza ganhar utilidade, se enchendo de vontade de levar para casa as mesas, as camas, os criados que viam ali. Talvez por isso, quando Dalva diminuiu o passo até ficar com os olhos parados lá dentro, Venâncio não tenha percebido de cara o que estava procurando. Era para ele que ela olhava, tomada por uma perturbação imprecisa. Uma confusão estranha. Levou um tempo para reconhecer no homem que via o menino esquisito da infância. Ele estava de volta. A presença insistente de Dalva fez Venâncio parar e olhar para ela. Nesse momento, quando um viu o outro, uma desorganização abundante tomou conta deles, corpos tensionaram afetados por ondas mágicas, ventanias, litros derramados. Começava ali o amor dos dois. Não fizeram nada, não disseram oi, nenhum sorriso, nenhum aceno, nada. Dalva apenas notou que o tabuleiro esquecido se inclinara com risco de espatifar as empadas no chão. Retomou o passo indecisa e seguiu para a venda do pai. Venâncio largou o que fazia e foi até a porta ver Dalva se afastar. Pela primeira vez gostou de ter voltado. (pp. 75-8)

Os dois, em seguida, iniciam um romance e se casam na vida adulta. O amor de ambos é descrito como algo sublime, pois

[...] um saboreava o outro. Viveram muito tempo assim irrigados até que Dalva engravidou. A notícia parecia boa, amor dando fruto, coisa mais sagrada ela e ele somados, a natureza perfeita providenciando a continuação de tudo. Era isso que deviam sentir. [...] Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio. Mas era tarde, não comandava o curso do rio. Estava feito. [...] A loucura começa com a doença, miúda. Vai se alastrando célula a célula, ocupando tudo, destruindo a saúde, acabando com a vida de quem não encontra recurso para deter os pensamentos ruins, fazedores dos mais profundos infernos. O pensamento solto, insistente e amargo constrói e antecipa a desgraça, é cruel no jeito de destruir. [...] Naquele dia Venâncio podia ter saído, já estava lá fora no portão, quando pôs sentido na bexiga cheia e pesada. Voltou para mijar. Nos últimos anos, a lembrança desse segundo, o preciso momento em que decidiu voltar, provocava nele uma aflição sem alívio. O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado. [...] A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou”. (pp. 19-21)

Após o ocorrido, Venâncio e Dalva se silenciaram. Ninguém sabia do ocorrido. Venâncio “atravessou o deserto de ser sozinho. Um homem triste, pesado, que carregava com ele um tormento sem tamanho. Mãos de marceneiro marcadas pelos erros dos martelos e serrotes e olhos profundos de abismos por dentro”. (p.12)

No texto *Mal-estar na Cultura* (1930), o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, analisa, de forma contundente, a pulsão de morte e o mal-estar que assola o homem diante de seu desamparo e fragilidade frente às exigências da cultura. A resposta pode ser a violência, a rebeldia, a destruição de si e do outro, dependendo do destino dessa pulsão.

A pulsão, na sua face sexual, foi o que se impôs a Freud desde o início do tratamento de seus pacientes. Para Freud, todas as atividades humanas têm uma parte com o sexual, não somente o ato sexual. A libido constitui a energia da pulsão sexual e é, portanto, a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica.

Diferente da pulsão sexual, regida pelo princípio do prazer, a pulsão de morte visa o *mais-além*. Ela deseja muito mais do que o gozo sexual, parcial. Ela busca um

gozo que é mortífero, ela quer a Coisa (*Das Ding*). Para Freud, há um impossível de ser satisfeito aí, porque o objeto que daria a satisfação à pulsão, o que ele chama de *Das Ding*, a Coisa, é intangível, impossível de se conhecer. “É um objeto suposto por nosso psiquismo como objeto a ser atingido. [...] A Coisa – objeto da pulsão de morte, objeto que propiciaria o gozo absoluto, caso ele fosse passível de ser atingido – é precisamente o nome de uma das faces do objeto, a face real.” (Jorge, 2003, p. 31)

De fato, o sujeito é movido por um único vetor que se dirige para *Das Ding*. Esse vetor é mortífero, o que significa que a pulsão pede é a morte. Por isso, dizer-se que o objetivo da vida é a morte, “enquanto anulação radical das tensões internas vividas pelo organismo vivo e pelo psiquismo.” (Jorge, 2003, p. 33). Para Freud, a sexualidade é um freio. Sem a dimensão sexual, tem-se o pior, o *mais além*, a pulsão de morte. O amor, o cuidado e o desejo do Outro, articulados, que produzem esse freio.

O que parece relevante do conceito de pulsão de morte para a articulação com este trabalho é a forma pela qual ela se faz presente, principalmente na sua face agressiva. É fundamental compreender que, para Freud, o ódio é primário, sendo o amor um destino da pulsão, a reversão ao seu oposto. Ele citará Plauto, “O homem é o lobo do homem” (*Asinaria, II, iv.88*) para evidenciar que “Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas, pelo contrário, são criaturas em cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade.” (Freud, 1930 [1929], p. 133). Ele dirá que essa agressividade é inerente ao humano e que gera conflito entre os sujeitos.

A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para as pulsões agressivas do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. [...] A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a cultura a um tão elevado dispêndio [de energia]. (Freud, 1930 [1929], p. 134)

Na sua face destrutiva, a pulsão de morte se evidencia tanto em condutas sociais triviais como em situações percebidas como marginais, cruéis. Quando as forças mentais que controlam a agressividade estão fora de combate, o humano é capaz de aniquilar o seu semelhante. Nesse sentido, o ato pode ser a transgressão, a violência, a hostilidade, as ofensas, o abuso de poder, o assédio moral e, até mesmo, um assassinato cruel por motivação torpe.

Em seu texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929/2011, pp.57-9), o psicanalista húngaro, Sándor Ferenczi, vai discutir os efeitos nos sujeitos que “foram hóspedes não bem-vindos na família” ou “tratados com entusiasmo, até mesmo com amor apaixonado, mas que depois foram postas de lado”. Para o psicanalista, os

que não sucumbirem e chegarem a óbito de bom grado terão, ao longo de toda a vida, diminuição do prazer de viver, um certo pessimismo na vida ou aversão à vida.

O personagem do livro supracitado, golpeado pela experiência do mal acolhimento, como Ferenczi descreve, funciona a partir de um pessimismo moral diante da vida. A repetição da experiência traumática mortífera se dá num movimento de autodestruição contínuo. Venâncio foi mal acolhido. Com um pai muito rígido e violento, Venâncio era percebido como alguém “bem esquisito, de uma família mais esquisita ainda. [...] Seu coração não descansava, não sabia ser alegre” (Ibid, pp. 75-7). Sua primeira experiência de amor foi vivida com Dalva. Venâncio não conseguiu suportar a angústia que sentiu frente ao medo de perdê-la para o seu filho. O ciúme o cegou e Venâncio reagiu de forma tremendamente cruel, vil, perversa, impulsiva, violenta na pior face da pulsão de morte. Podemos supor que os traumas iniciais de rejeição e o mal acolhimento que o marcaram de forma indelével o levaram a uma repetição dessas experiências traumáticas mortíferas.

Ferenczi (1929/2011) defende que a única saída, nesses casos de mal acolhimento, deve ser perdoar aos pais para a pulsão de morte sair da ação. Não se trata de um perdão do ponto de vista religioso, mas uma elaboração que traga novo sentido ao vivido e o ato de violência seja substituído pela palavra. Para se chegar nisso, em situações de violências de diferentes ordens, a análise se faz necessário. A escuta especializada de um psicólogo e psicanalista provê um tratamento conduzido com tato, ternura e cuidado, capaz de transformar a marca até então indelével da violência em outra coisa, com outro sentido, com nova narrativa. A oferta da análise é um espaço de fala e de escuta ético, empático, acolhedor para conter a força da pulsão de morte e para que não se reproduza a violência recebida e praticada durante a vida. É o cuidado que ampara desde o início, que impulsiona a vida, a pulsão de vida, essa que faz uma força de contenção contra a pulsão de morte, na sua face mais violenta, ao retorno ao inorgânico, ao não ser. O cuidado que não se recebeu pode ser vivido em análise, na experiência de análise. Muitas vezes, essa será a primeira experiência de amor vivida por um sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respectivo ensaio discorreu sobre as violências vividas e repetidas pelos sujeitos de forma a articulá-las com os pensamentos dos psicanalistas Sigmund Freud e Sándor Ferenczi. Para tal, foram apresentados o conceito de pulsão de morte em Freud e a temática da criança mal acolhida e sua pulsão de morte em Ferenczi para se compreender o ato de violência cruel do personagem Venâncio do livro Tudo e Rio (2021), de Carla Madeira. Optou-se por não discutir o conceito de identificação com o agressor de Ferenczi, apesar de sua pertinência para a discussão.

O personagem do livro supracitado, atuando na face cruel da pulsão de morte como descreve Freud e golpeado pela experiência do mal acolhimento, como Ferenczi presente, funciona a partir de um pessimismo moral diante da vida. A repetição da experiência traumática mortífera se dá num movimento de autodestruição contínuo. Venâncio foi mal acolhido.

A experiência de amor e amparo vivida com Dalva num sujeito marcado por violência e rejeição como Venâncio culminou numa dependência afetiva, numa relação de posse. Venâncio não conseguiu suportar a angústia que sentiu frente ao medo de perdê-la para o seu filho, frente ao desamparo devastador. O ciúme o cegou e Venâncio reagiu de forma tremendamente cruel, vil, perversa, impulsiva, violenta na pior face da pulsão de morte. Podemos supor que os traumas iniciais de rejeição e o mal acolhimento que o marcaram de forma indelével o levaram a uma repetição dessas experiências traumáticas mortíferas.

Conclui-se a importância do tratamento psicológico em sujeitos que passam ou passaram por violências de diferentes ordens. Um tratamento conduzido com tato, ternura e cuidado transforma a marca indelével em outra coisa, com novo sentido, com nova narrativa. A oferta da análise é um espaço de fala e de escuta ético, empático, acolhedor para conter a força da pulsão de morte e para que não reproduza a violência que se recebeu durante a vida, É o cuidado que ampara desde o início, que impulsiona a vida, a pulsão de vida, essa que faz uma força de contenção contra a pulsão de morte, na sua face mais violenta, ao retorno ao inorgânico, ao não ser. O cuidado que não se recebeu pode ser vivido em análise, na experiência de análise. Muitas vezes, essa será a primeira experiência de amor vivida por um sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARISSIMI, B. A. dos S. M. **Do “Mal-estar na Civilização” ao mal-estar na organização: um percurso.** Dissertação (Mestrado em M.Sc., Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

FERENCZI, S. **A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929 [2011]).** In: **Obras Completas de Sandor Ferenczi.** São Paulo: Martins Fontes, 2011, v. IV

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930 [1929]).** In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.

JORGE, M.A.C. **A Pulsão de Morte.** *Revista Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte*, n. 26, Out, 2003, p. 23-40.

MADEIRA, C. **Tudo é rio.** Rio de Janeiro: Record, 2021.

